AgEcon SEARCH
RESEARCH IN AGRICULTURAL & APPLIED ECONOMICS

The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library

This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.

Help ensure our sustainability.

Give to AgEcon Search

AgEcon Search
http://ageconsearch.umn.edu
aesearch@umn.edu

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*

COMPONENTES NO CONTEXTO DO AGRONEGÓCIO CAFÉ EM RONDÔNIA: ABORDAGEM DAS CARACTERÍSTICAS BÁSICAS

THEOPHILO ALVES SOUZA FILHO; DEGSON FERREIRA; IRACY SOARES AGUIAR; MARCELO BATISTA OLIVEIRA; DERCIO BERNANDES DE SOUZA;

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PIMENTA BUENO - RO - BRASIL

theophilo@unir.br

APRESENTAÇÃO ORAL

Estrutura, Evolução e Dinâmica dos Sistemas Agroalimentares e Cadeias Agroindustriais

COMPONENTES NO CONTEXTO DO AGRONEGÓCIO CAFÉ EM RONDÔNIA: ABORDAGEM DAS CARACTERÍSTICAS BÁSICAS

Grupo de Pesquisa: Estrutura, Evolução e Dinâmica dos Sistemas Agroalimentares e Cadeias Agroindustriais.

Resumo

Este artigo analisa o sistema agroindustrial (SAG) do café em Rondônia como um relevante segmento que gera emprego e renda, riqueza e divisas para o Estado e para os diversos setores da atividade econômica e, que contribui de forma efetiva para o desenvolvimento sócio-econômico local. Examinam-se as principais características relacionadas desde a participação efetiva de instituições de assistência técnica e científica na orientação e apoio ao desenvolvimento do setor cafeeiro até a abordagem de algumas alternativas para o seu cultivo e manejo que, representam oportunidades no agronegócio café, com o fito de analisar e destacar a sua importância para o desenvolvimento sócio-econômico do Estado. Para isso, utiliza-se de uma pesquisa exploratória baseada na revisão da literatura existente acerca do tema em comento. Os resultados mostram que o envolvimento de instituições de assistência técnica e científica com os diversos elos do agronegócio café apresenta-se como diferencial estratégico competitivo para a região Amazônica. Também indicam a necessidade da criação e manutenção de associações e cooperativas, da definição de políticas públicas

para o setor e da disponibilização de tecnologias adequadas aos produtores para a sustentabilidade da agricultura familiar no Estado e para superar as dificuldades de comercialização.

Palavras-Chave: Agronegócio; Café; Assistência Técnica; Comercialização; Rondônia.

Abstract

This paper analyzes the coffee agriindustry system in Rondônia as an important segment that generates employment and income, wealth and foreign currency for the State and for the various sectors of economic activity, and which contributes effectively to the socio-economic local development. It examines the main features related since the effective participation of technical and scientific institutions assistance in guiding and supporting the development of the coffee sector until the approach of some alternatives to its culture and management that represent opportunities in coffee agribusiness, with the objective to analyze and highlight its importance for the socio-economic development of the state. For that, it is used an exploratory research based on review of the existing literature on the subject. The results show that the involvement of technical and scientific institutions assistance to the various link of coffee agribusiness it is presented as strategic competitive differential for the Amazon region. Also indicates the need for the creation and maintenance of associations and cooperatives, the definition of public policies for the sector and the provision of appropriate technologies to producers for the sustainability of family farming in the state and to overcome the trading difficulties.

Key-Words: Agribusiness; Coffee; Service; Trading; Rondônia.

1. INTRODUÇÃO

A importância do sistema agroindustrial (SAG) do café nos setores da atividade econômica é muito grande, sendo um dos mais tradicionais e significativos na geração de renda para a economia brasileira. Evidências disso, é que a política econômica nacional percebe/visualiza no PIB a força dos grãos que se espalha pelo país e traz superávits com as exportações. Essas informações podem ser ratificadas por pesquisadores do agronegócio como Farina e Zylbersztajn (1998) e Saes e Farina (1999). Para eles, entre 1997 e 1998, o SAG do café foi responsável por cerca 5% do total das receitas de exportações brasileiras, o que significou aproximadamente US$ 2,6 bilhões de divisas com exportação para o país.

Apesar dos percalços, porém, confirmando esta tendência e corroborando estas informações, pode-se mencionar Teixeira *et al.* (2004: 13) ao destacar que, “a cafeicultura brasileira é uma atividade agrícola de grande importância econômica para o nosso país, sendo responsável por uma boa parcela do produto interno bruto” e

constituindo-se em uma das fontes de maior geração de emprego e renda familiar agrícola, cumprindo, assim, uma importante função social.

Em Rondônia, o café constitui uma das formas de uso da terra mais importante, devido ao impacto não só na economia, mas aos efeitos, tanto positivos como negativos, na região. O Estado ocupa a sexta posição na produção nacional, tendo produzido 1.263 mil sacas de café beneficiado em 2006, de acordo com o segundo levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), para a safra de café 2007/08, produção esta advinda da exploração da cultura por meio, principalmente, dos pequenos produtores.

De modo geral, os estudos de diversos autores com Veneziano (1996) e Rosa Neto e Collares (2006) revelam que o cultivo do café produzido em Rondônia é feito em pequenas glebas, com baixo nível tecnológico, o que faz com que o grão produzido no Estado da variedade robusta não possui as características determinantes de um café de qualidade desejadas pelo mercado, resultando-se, assim, em um produto com pouca competitividade nos cenários do agronegócio café nacional e internacional.

Pode-se destacar, de acordo com os autores citados, que a cafeicultura de Rondônia se caracteriza pelo pouco uso de tecnologias modernas, pela baixa produtividade, pela má qualidade do produto, pelas dificuldades de comercialização e pelo custo de produção relativamente alto e, até agora, não dispõe de informações e recomendações seguras para transformar esses desafios em oportunidades para encarar a realidade do presente e a de gerações futuras.

Tendo em vista essa baixa competitividade do café de Rondônia nos cenários do agronegócio café nacional e internacional e esses desafios a serem superados, pode-se indagar: qual a importância deste segmento para o desenvolvimento sócio-econômico do Estado de Rondônia?

Assim, este estudo objetiva analisar e destacar a importância do agronegócio café para o desenvolvimento tanto social como econômico do Estado de Rondônia. Para atingir tal objetivo, utiliza-se de uma pesquisa exploratória baseada na revisão da literatura existente acerca do assunto, além de coletar dados em diversas fontes como, por exemplo, artigos de revistas especializadas, sites de internet e outras, assim como também da aplicação da técnica *Brainwriting* 6-3-5.

Com vistas à geração de idéias para a composição do quadro teórico deste artigo, realizou-se, em abril de 2007, um *workshop* com um grupo de estudiosos do agronegócio, com o intuito de enfatizar a importância deste segmento para o desenvolvimento sócio-econômico do supracitado Estado. Neste *workshop* aplicou-se a ferramenta *Brainwriting* 6-3-5 a um grupo composto de seis pessoas, sendo dois doutores da área do agronegócio, um doutorando e três especialistas também em agronegócio, resultando na geração de 108 idéias (três idéias x seis rodadas x seis participantes).

Após a coleta de idéias seguiu-se à sua análise para escolher as melhores idéias, ou seja, selecionar aquelas que realmente visavam atingir o problema proposto e que fossem consideradas relevantes para análise teórica. Assim, as idéias geradas em ordem de freqüência foram as seguintes: políticas de geração de renda e emprego para os produtores de base familiar; análise de produção e de produtividade; oportunidades ao desenvolvimento do setor; formas de organização dos produtores de café; envolvimento

de instituições de assistência técnica e científica para o setor; e sistemas de comercialização.

Desse modo, as idéias que se evidenciaram no *workshop* realizado com o grupo passaram a constituir os elementos do contexto do agronegócio café a ser estudo no presente trabalho. Em seguida, utilizando-se da ferramenta Redefinição Heurística, construiu-se uma matriz de priorização das idéias, decidindo explorar em ordem de classificação: envolvimento de instituições de assistência técnica e científica para o setor; análise de produção e de produtividade; políticas de geração de renda e emprego para os produtores de base familiar; formas de organização dos produtores de café; sistemas de comercialização; e oportunidades ao desenvolvimento do setor.

2. ASSISTÊNCIA TÉCNICA E CIENTÍFICA

O processo de geração e utilização do conhecimento é estratégico para a região Amazônica e tem se mostrado cada vez mais competitivo, intensivo em capital e com maior complexidade, o que exige procedimentos eficientes de gestão. Entretanto, conforme informações da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária de Rondônia (Embrapa-Rondônia, 2005), existem carência de conhecimentos em determinados processos que demonstrem, continuamente, ao setor produtivo agregação de valor para os cafés de Rondônia.

Objetivando apresentar soluções tecnológicas em sintonia com as restrições impostas e demandas apresentadas, a Embrapa-Rondônia no seu III Plano Diretor 2004-2007 demonstra seu real interesse na significativa contribuição para a formação do setor agropecuário-florestal do Estado, tanto apontando prioridades, quanto disponibilizando produtos e processos tecnológicos adequados à realidade regional.

Neste Plano Diretor, a Embrapa-Rondônia visando à construção de soluções para o agronegócio e o espaço rural estabeleceu diretrizes estratégicas para pesquisa, desenvolvimento e inovação; geração, adaptação e transferência de tecnologia e socialização do conhecimento; comunicação empresarial; gestão de pessoas; modelo organizacional; gestão organizacional e atividades relativas aos recursos financeiros e à infra-estrutura. (EMBRAPA-RONDÔNIA, 2005).

Na declaração da visão, a instituição diz ser centro de referência, na Amazônia e no Brasil, por diversas condições e, uma delas, é pela interlocução com Centros de Pesquisa Nacionais e Internacionais, com parceria na execução de pesquisas científicas e tecnológicas. Porém, o problema que vem à tona é o seguinte: como assegurar que as instituições de assistência técnica e científica como a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), a Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron), a Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac), a Embrapa, a Universidade Federal de Rondônia (Unir), etc. participem efetivamente na orientação e apoio ao desenvolvimento do setor cafeeiro?

Assim, o Programa de Tecnificação e Desenvolvimento da Cultura do Café, gerido pela Secretaria de Estado da Agricultura, Produção e do Desenvolvimento Econômico e Social (Seapes) em parceria com a Emater-RO e a unidade regional da mesma é uma evidência do esforço conjunto em prol de uma alavancagem no desenvolvimento deste setor.

Com a implantação, desde 2004 do supramencionado programa tem sido capacitado vários produtores rurais, extensionistas da Emater, do Idaron e da Seapes sobre os aspectos importantes da atividade, por meio da realização de dias de campo, treinos e visitas e da implantação de unidades demonstrativas de combinação de técnicas de manejo.

Em cidades como Ariquemes, Machadinho, Ouro Preto, Ji-Paraná, Cacoal e Rolim de Moura, segundo Carlos Macena (2006), assessor da Seapes, foram escolhidas, por uma equipe técnica multidisciplinar da Emater, Embrapa e Seapes três propriedades de cada uma para servirem como objeto de experiência de plantio tecnificado. O trabalho envolveu desde a análise laboratorial de diversos pontos do solo, para avaliação da fertilidade e posterior indicação de corretivos e adubação até o controle biológico de pragas e a irrigação por gotejamento.

Para o referido assessor, em 2006, os números do programa revelaram a dimensão do esforço mútuo de todos os protagonistas deste expressivo setor do agronegócio rondoniense: produção de 24.800 mudas para distribuição aos pequenos produtores, distribuição de 18 toneladas de calcário, 6.000kg de fertilizantes NPK (nitrogênio-fósforo-potássio) para unidades demonstrativas de sistemas de condução de cafeeiro e 5.110kg de sementes de café conillon. Foram realizadas 147 visitas técnicas e 34 palestras para 3.787 cafeicultores, além de excursão para 192 pequenos produtores e técnicos da Emater, Idaron e da própria Seapes.

Essas ações indicam que a expectativa é de uma vigorosa retomada da cafeicultura rondoniense, devido a uma série de fatores positivos, como: produtivas parcerias na geração e disseminação de conhecimentos científicos e tecnológicos entre as instituições e também em benefício dos diversos segmentos da sociedade; e possibilidade de aumento da produção em escala maior do que a expansão dos recursos utilizados para obtê-la. Este é o tema que será objeto de tratamento no tópico seguinte.

3. ANÁLISE DE PRODUÇÃO E DE PRODUTIVIDADE

Para apresentar os resultados das pesquisas de produção e de produtividade do café no Estado de Rondônia, considera-se primeiramente salutar mostrar esses resultados nos principais Estados brasileiros produtores de café, visando situar o leitor para que não incorra em análises e conclusões distorcidas da realidade.

No segundo levantamento da CONAB, para safra de café 2007/2008, realizado em abril de 2007, verifica-se uma redução da produção estimada de 24,6% (10,4 milhões de sacas) quando comparada à safra anterior (42,5 milhões de sacas de café beneficiado).

Esse levantamento aponta que os fatores que contribuíram para essa redução foram: a bianualidade negativa no ciclo da cultura; a estiagem ocorrida entre março e setembro, afetando a floração das lavouras e o excesso de chuvas nos meses de dezembro 2006 e janeiro de 2007, o que propiciou o aparecimento de pragas e doenças, dificultando o combate das mesmas. A referida retração, ainda, foi motivada pela redução de 23,3% (4,61 sacas/ha) na produtividade, passando de 19,75 sacas/ha para 15,14 sacas/ha.

De acordo com o segundo levantamento, os principais estados brasileiros produtores de café são, a saber: Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Bahia, Paraná

e Rondônia. A tabela 1 a seguir descreve, conforme o segundo levantamento, a posição dos estados que mais se destacam na produção de café no Brasil, comparando com a produção da safra anterior.

Assim, conforme se pode perceber na tabela 1, a produção do Estado de Minas Gerais foi estimada em 14,4 milhões de sacas de café beneficiado, inferior à produção da safra passada em 34,6% (7,6 milhões de sacas) e representa 44,8% da produção nacional. Essa expectativa de queda deve-se, sobretudo, à bianualidade negativa, floradas de baixa intensidade; o aumento da incidência de algumas doenças e os eventuais efeitos decorrentes da restrição hídrica ocorrida no início do ano passado.

No Espírito Santo, a produção é estimada em 8,7 milhões de sacas de café beneficiado, representando 21% da produção nacional e uma retração de 3,9% (347 mil sacas) em relação à produção da safra anterior, motivada pela queda de 18,9% (3,59 sacas/ha) na produtividade em função da bianualidade e das condições climáticas adversas. Neste Estado são cultivadas as espécies de *Coffea arábica* e *Coffea canephora var. Conillon*, tendo sido marcante a produção desta última, que expandiu principalmente nas regiões baixas, de temperaturas elevadas. O Estado é o segundo maior produtor nacional de café e o primeiro em produção de robusta.

Tabela 1 – **Café Beneficiado-Comparativo de Produção**

UF / REGIÃO	PRODUÇÃO (Mil sacas beneficiadas)						
	SAFRA 2006/2007			SAFRA 2007/2008			VARIAÇÃO % (B) / (A)
	Arábica	Robusta	Total (a)	Arábica	Robusta	Total (b)	
Minas Gerais	21.957	30	21.987	14.341	31	14.372	-34,6
Espírito Santo	2.128	6.881	9.009	1.600	7.062	8.662	-3,9
São Paulo	4.470	-	4.470	2.580	-	2.580	-42,3
Bahia	1.725	526	2.251	1.516	512	2.028	-9,9
Paraná	2.248	-	2.248	1.855	-	1.855	-17,5
Rondônia	-	1.263	1.263	-	1.443	1.443	14,3
Pará	-	280	280	-	306	306	9,3
Mato Grosso	25	225	250	15	165	180	-28,0
Rio de Janeiro	255	9	264	212	9	221	-16,3
Outros	207	283	490	169	249	418	-14,7
Brasil	33.015	9.497	42.512	22.288	9.777	32.065	-24,6

Fonte: Adaptado do MAPA-S.P.C / CONAB. Disponível em: http://www.conab.gov.br/conabweb/download/ safra/Boletim.pdf. Arquivo capturado em: 15 de junho de 2007.

Em São Paulo, a produção é estimada em 2,6 milhões de sacas de café beneficiado para a atual safra com uma produtividade média de 11,82 sacas por hectare, representando 8% da produção nacional e uma retração de 42,3% (1,8 milhão de sacas) na produção e de 43,9% na produtividade.

Cabe destacar que no Estado de São Paulo, tradicionalmente produtor de café da variedade arábica, as indústrias de café solúvel e de torrefação e moagem adquirem todo o café robusta do Espírito Santo e Rondônia.

Na Bahia, a produção prevista é de 2,0 milhões de sacas de café beneficiado, com uma produtividade média de 21,35 sacas por hectare, das quais, 74,8% (1,5 milhão de sacas), são do café arábica e 25,2% (0,5 milhão de sacas), são de café robusta. Essa produção representa 6,3% da produção nacional e uma redução de 9,9% em relação à produção da safra anterior e de 7,3% na produtividade.

No Paraná, a produção estimada é de 1,9 milhões de sacas de café beneficiado (100% arábica), representando 5,8% da produção nacional, com uma produtividade média de 18,66 sacas por hectare e, uma redução de 17,5% em comparação à produção anterior e de 16,7% na produtividade, provocada pela bianualidade negativa e pela prática de poda drástica (recepa), apesar do clima favorável aliado ao investimento e aos cuidados fitossanitários.

Em 1870, com a grande geada que atingiu as plantações do oeste paulista, provocando grandes prejuízos e, mais tarde, com a crise de 1929, foi lançada a busca por regiões ideais para o cultivo do café em todo o país. A partir daí, Bahia se firmou como pólo produtor no Nordeste e Rondônia na região Norte.

A exploração da cafeicultura na região Norte, sobretudo em Rondônia, segundo informações sobre o café divulgadas pela Embrapa, ocorreu a partir da década de 60, com os cafeeiros da espécie Arábica (*Coffea arábica L.*), menos adaptados a áreas de baixa altitude. A partir da década de 70, com o advento dos núcleos de colonização oficial, foram introduzidas as primeiras plantas da espécie Robusta (*Coffea canephora Pierre ex A. Froehner*), caracterizadas por maior porte vegetativo e tolerância a temperaturas elevadas. (EMBRAPA, 2006).

O Estado de Rondônia é o maior produtor de café da região amazônica e o segundo maior produtor de café Robusta, atrás apenas do Espírito Santo[1], apresentando uma área cultivada com café de 159.511 hectares. A produção no Estado (onde basicamente só se planta a variedade conillon) é estimada, para a safra 2007/2008, em 1,4 milhões de sacas de café beneficiado, representando 4,5% da produção nacional, com uma produtividade média de 9,05 sacas por hectare e, um crescimento de 14,3% (180 mil sacas) em relação à produção da safra anterior e de 16,5% na produtividade.

Segundo o analista de mercado do café da CONAB, Jorge Queiroz, em suas sugestões para o CDPE/CAFÉ – Comitê Diretor de Planejamento Estratégico do Agronegócio Café –, a dificuldade de os produtores de café conseguir melhores preços para sua mercadoria, ocorre em função de problemas relacionados, primeiramente à logística, uma vez que os fretes cobrados por terceiros acabam saindo muito caros, inviabilizando a obtenção de uma rentabilidade adequada para que eles dêem continuidade aos seus negócios, e ainda, em função da falta de uma estrutura básica (ainda que simples), para que possam beneficiar o seu produto, tendo – os produtores –, que ficarem na dependência ou à mercê de atravessadores.

Predomina no Estado, conforme informações divulgadas pela Embrapa-Rondônia (2005), o plantio da cultivar Conillon, do grupo Robusta, que é uma variedade de clima quente e que possui boa adaptação às regiões mais baixas, como é o caso de Rondônia.

[1] Conforme o terceiro levantamento da CONAB, para a safra 2006/2007, realizado em agosto de 2006, o estado do Espírito Santo foi responsável por cerca de 72,2% do café Robusta produzido no país, seguido de Rondônia com 14,8%. Bahia, Pará, Mato Grosso, Minas Gerais, Rio de Janeiro e demais estados completam os 13% restantes.

Esse tipo de café é utilizado, principalmente, na fabricação de cafés solúveis e nas misturas com arábica para a formação de ligas ou "blends", podendo ainda ser usado para outras formas de consumo da bebida. Apresenta desenvolvimento inicial mais lento que o café arábica, entretanto pode atingir até 10 metros de altura nas regiões quentes e úmidas.

Para Rosa Neto e Collares (2006), o cultivo de café do grupo Robusta, como é o caso do Conillon, é uma opção agrícola recomendada para regiões de temperaturas médias anuais mais elevadas, entre 22ºC e 26ºC, e úmidas, cujas altitudes sejam inferiores a 600m e não apresentem restrições de inverno frio. Praticamente não sofre problemas de frutificação em função de temperaturas mais altas. As lavouras são bastante produtivas, apresentando grande variedade quanto ao tamanho, formato e maturação dos frutos.

Em Rondônia, conforme os autores, as regiões onde estão localizados os plantios dessa variedade possuem como características uma cultura pouco mecanizada e, um forte uso de mão-de-obra familiar, além de apresentar custos de produção mais baixos do que no cultivo de café arábica e de atender o mercado consumidor do agronegócio café.

Vale esclarecer a esta altura que, a cultura do café em Rondônia sempre representou ao longo do processo de colonização, a base econômica de sustentação das pequenas e médias propriedades rurais, gerando benefícios e incrementos sociais e econômicos tanto para o Estado como para os produtores.

4. POLÍTICAS DE GERAÇÃO DE RENDA E EMPREGO PARA OS PEQUENOS PRODUTORES

No contexto do agronegócio, a cafeicultura é uma atividade agrícola de grande importância sócio-econômica para o desenvolvimento dos países que se destacam como os maiores produtores, sendo responsável por uma boa parcela de suas receitas cambiais e pela transferência de renda aos outros setores da economia mundial. Além disso, a atividade absorve expressiva quantidade de mão-de-obra do setor agrícola, sendo, portanto, uma fonte geradora de trabalho para o homem do campo.

As economias de alguns dos países mais pobres do mundo são extremamente dependentes da cafeicultura, especialmente em países africanos – como Uganda, Etiópia e Burundi – e da América Central – Guatemala e Honduras (OIC, 2003). No Brasil, de acordo com a Organização Internacional do Café (OIC, 2003), em sua octogésima nona sessão, realizada em Cartagena, Colômbia, ainda que o café responda por menos de 5% das divisas geradas pela exportação, o produto sustenta de 250 mil a 300 mil produtores, empregando no setor um contingente de 3 milhões de trabalhadores rurais.

Em Rondônia, informações das instituições especializadas e, dentre elas, a Embrapa, não deixam a escapar esse importante papel desenvolvido pelo café na geração de renda e emprego para o Estado. Para Embrapa-Rondônia (2006), hodiernamente, os cultivos ocorrem, geralmente, em pequenas propriedades, em sua maioria, com até 10 hectares, em regime de agricultura familiar, onde o nível tecnológico é baixo e representam, juntamente com a produção de leite, a base principal de fonte de renda dos pequenos produtores, "proporcionando trabalho a milhares de

pessoas e de cujo sucesso dependem diretamente 44.000 famílias" (ROSA NETO e COLLARES, 2006: 3).

Nesse sentido, o estudo realizado por Rosa Neto e Collares, em 2006, no qual foi utilizada uma amostra de 122 cafeicultores, em 10 principais municípios produtores de café do Estado mostra que nos aspectos relacionados às características de produção, a prática da cafeicultura no Estado é baseada na agricultura familiar, sendo que cerca de 90% das propriedades dos produtores entrevistados possuem áreas com até 100ha, com área média explorada com a cultura de 12,5ha. Entretanto, os resultados apontaram que não há uma relação proporcional entre tamanho da propriedade com área plantada de café, ao contrário, quanto menor a área da propriedade, maior é o plantio de café.

Os dados coletados pelos autores também revelam a importância da cultura na formação da renda da propriedade, significando, na média da amostra, cujo café está em produção, 58,43% de participação do total arrecadado em relação à atividade agropecuária como um todo, ao mesmo tempo, que para 67,2% dos entrevistados o café representa mais de 50% dessa renda.

Esses dados indicam a relevância do agronegócio café para a sustentabilidade da agricultura familiar de Rondônia, o que de certo modo, reforça a necessidade de definição de políticas públicas para o setor, como capacitação dos produtores ao uso da tecnologia, disponibilização de tecnologias adequadas e oportunas aos produtores, assistência técnica e acesso ao crédito rural a juros baixos e/ou subsidiados, introdução de sistemáticas de vendas mais diretas aos consumidores, através de cooperativas, associações de produtores rurais, sindicatos, etc., para que o agricultor, além de produzir condignamente para sua subsistência, tenha um mínimo de condições, de perspectivas de progresso em seu trabalho.

Destarte, com o objetivo de aumentar a eficiência do SAG café e promover a sua adaptabilidade de longo prazo, resguardando sua posição competitiva, Saes e Farina (1999) propõem uma série de ações de política pública e privada. São listadas, a seguir, em paralelo com os autores, algumas das principais políticas públicas e ações privadas que se acredita serem necessárias para melhorar ou manter a posição competitiva do SAG café de Rondônia.

Ações visando à produção de café sustentável: zoneamento criterioso, com vistas a desestimular a produção em áreas de risco, mediante crédito seletivo; financiamento para custeio e investimento para aumentar a produtividade e estimular o uso de tratos culturais adequados; recursos para compra de equipamentos; realização de pesquisa agronômica, por meio de parcerias entre governo/setor privado/instituições; políticas de incentivo a compras conjuntas de insumos e de transferência de tecnologia a cargo das cooperativas e associações; estímulo à utilização do mercado de futuro, CPR e outros mecanismos modernos de gerenciamento de risco; e suprimento de informação.

Medidas de estímulo à produção, comercialização e consumo de café: explorar a marca "Café de Rondônia"; incentivar parcerias entre produtores e indústria para levar cafés de origens aos consumidores nacionais; estimular novos canais de distribuição; e negociar em âmbito nacional e internacional, ações que defendam o uso e aumento do consumo do café robusta.

5. FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DOS PRODUTORES DE CAFÉ

No regime capitalista, para vender bem a produção, peça-chave ou, de acordo com Ribeiro (2006), pesquisador da Embrapa Rondônia, o elo considerado mais importante das cadeias produtivas do agronegócio brasileiro, faz-se necessário que haja organização dos produtores rurais, para aumentar o poder de barganha, a escala da produção, a diversificação e a estabilização das culturas, viabilizar a agregação de valores aos produtos agrícolas através do beneficiamento, da agroindústria, ampliar a dimensão do mercado, a capitalização, e, com isso, incrementar as chances de obtenção de melhores ganhos, de maneira mais lucrativa e sustentável, nas atividades produtivas dos pequenos produtores rurais, disseminados por todo este enorme Brasil afora.

Entretanto, a realidade da organização dos produtores no campo, no Brasil, conforme o referido autor, seja por falta de educação cooperativista, pelo conservadorismo estabelecido no meio rural, ou pela tradição e conveniência do regime político implantado entre nós, que estimula e dissemina a cultura do individualismo, ainda está muito longe de alcançar os ideais dos tecelões de Rochdale, na Inglaterra, que há mais de um século e meio atrás – em 1844 – já percebiam a necessidade de se organizarem para superar as limitações e as injustiças da exploração a que eram submetidos no início da Revolução Industrial.

Para o pesquisador, se a realidade da organização popular no meio rural do nosso país como um todo, é ainda tão rudimentar e precária, imagine-se quando se trata da Amazônia, esta imensa, complexa, desconhecida e contraditória região, que se apresenta com seu paradoxo maior de ser uma área imensamente rica em recursos naturais, habitada por uma população das mais pobres e carentes de recursos materiais e tecnológicos.

Porém, em Rondônia, algumas ações de setores progressistas da Igreja Católica como a da Diocese de Ji-Paraná demonstra o investimento e apoio ao fortalecimento das organizações dos agricultores familiares. A importância da Diocese de Ji-Paraná no incentivo às atividades das associações dos agricultores familiares dedicados à cafeicultura orgânica, é observada pelo apoio à fundação das Associações de Ajuda Mútua, como a Articulação Central das Associações Rurais de Ajuda Mútua (ACARAM), precursora da Cooperativa dos Produtores Rurais Organizados para Ajuda Mútua (COOCARAM), que inicialmente contou com a ajuda de instituições holandesas e atualmente reúne 18 associações envolvendo cerca de 2.000 agricultores familiares. (BINSZTOK, 2007).

O estudo realizado por Binsztok (2007) na região central de Rondônia, mostra a presença de 35 (trinta e cinco) Associações de Produtores Rurais concentradas principalmente nas linhas de produção 9, 10 e 11 do município de Cacoal. Segundo o autor, na Associação Rural e Comunitária Canaã de Desenvolvimento Econômico-Social e Proteção Ambiental estão cadastradas cerca de 20 (vinte) associações que recebem recursos para a execução de projetos, e que igualmente recebem assistência técnica e extensão rural da Emater-RO.

O quadro exposto evidencia o intenso movimento associativista que envolve os agricultores familiares na região central de Rondônia. As associações, no entanto, em consonância com o referido autor, não funcionam em harmonia umas com as outras, o que dificulta a solidariedade dos associados em relação aos problemas que precisam ser

enfrentados. Uma das questões mais difíceis de serem equacionadas refere-se às dificuldades que as associações enfrentam em relação à comercialização dos produtos, notadamente o café, pois são impedidas de realizar legalmente operações comerciais ficando submetidas às exigências impostas pela cadeia monopolista de intermediários.

6. SISTEMAS DE COMERCIALIZAÇÃO

Há um jargão popular no meio rural de que "produzir é fácil, comercializar bem a produção é que é difícil". Essa informação de certa forma pode ser confirmada por alguns autores que escrevem sobre o café, e dentre eles, merece destacar Veneziano (1996), Soares (2002), Rosa Neto e Collares (2006).

Deste modo, Veneziano (1996) destaca que, dificuldades de comercialização estão inseridas entre os fatores que restringem a competitividade da cultura do café no Estado de Rondônia. O autor considera a comercialização um dos fatores limitantes mais importantes e que merece maior atenção por parte de toda a cadeia produtiva deste importante segmento que gera divisas, alavanca renda e proporciona emprego a diversas pessoas.

Para o supracitado autor, os fatores que dificultam a comercialização e contribuem para que os preços obtidos pelos produtores não sejam proporcionais aos alcançados em outras regiões produtoras do país são: a distância dos grandes centros de consumo, industrialização e exportação; a má qualidade do produto[2]; a falta de linhas especiais de crédito para comercialização; a armazenagem deficiente; e o desconhecimento do mercado de café pelos produtores.

Assim, o estudo realizado por Rosa Neto e Collares (2006) nos 10 principais municípios produtores de café do Estado revela no que diz respeito aos aspectos de comercialização que está é feita, basicamente, junto a pequenos cerealistas, que são responsáveis por 91,8% das compras efetuadas dos produtores entrevistados, sendo que em 62,6% dos casos o produto é retirado na propriedade pelo próprio comprador. Para eles, essa forma de relacionamento entre produtor e cerealista gera alguns conflitos, principalmente porque, em determinadas circunstâncias, o comprador adianta certo valor ao produtor e, se há falta do produto no mercado por ocasião da colheita, como tem acontecido na safra passada, aquele obriga a este a entregar o produto ainda verde, afetando a qualidade final do café e, consequentemente, o preço que o produtor irá receber pelo produto.

Para contornar esses desafios Caixeta (2007), pesquisadora da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig) apresenta algumas dicas de como comercializar bem o produto, enfatizando que para isso, o produtor deve:

- Procurar informar-se sobre os preços vigentes;
- Não entregar o seu produto para o primeiro comprador;
- Se o seu volume de produção é pequeno, associar-se a um grupo de produtores ou filiar-se a uma cooperativa; e

[2] A má qualidade do produto ocorre, provavelmente, devido às condições climáticas – o clima é quente e úmido, consequentemente, o processo de fermentação é muito alto, devendo por isso ser colhido no momento certo, observando-se todos os procedimentos técnicos adequados de pós-colheita e preparo – e ao processo de colheita utilizado.

- Solicitar à cooperativa que prove seu café de modo que saiba qual o tipo que está vendendo, não precisando aceitar a classificação que o comprador fizer.

Para a supracitada pesquisadora, o sucesso do empreendimento na cafeicultura depende, em grande parte, da comercialização do produto gerado. Há sempre na comercialização a incerteza quanto ao preço que o produto atingirá ao fim do processo de produção. Para ela, a comercialização é uma etapa incômoda, trabalhosa e arriscada principalmente pela incompreensão do sistema de preços na hora da venda, sendo conveniente, devido à complexidade do mercado de café, que se faça a administração dos riscos desse mercado de maneira semelhante ao que se faz no mercado de ações.

Assim, a pesquisadora explicita que os preços podem ser preferidos considerando-se: rentabilidade, liquidez e segurança. Se o cafeicultor visa alta rentabilidade e quer obter o valor máximo pelo seu produto, deve preferir o preço no "pico". Se ele faz opção por vender pelo maior pico, está ele perseguindo rentabilidade. Os preços de venda visando liquidez são aqueles pelos quais se pode vender a qualquer tempo. Liquidez é a facilidade de vender a mercadoria a qualquer tempo que for necessária à sua venda. As vendas feitas visando segurança são aquelas que garantem o recebimento do seu valor combinado.

Esclarece ainda, que cada cafeicultor pode adotar um caso particular quanto à preferência por rentabilidade, liquidez e garantia. Alguns podem acompanhar o mercado e esperar o momento em que obtenham o maior preço. Outros precisam vender imediatamente após a colheita, pois precisam assumir compromissos de pagamento do custo. Para estes, o interesse é a liquidez, ou seja, encontrar um comprador no momento em que necessitem do dinheiro.

7. OPORTUNIDADES AO DESENVOLVIMENTO DO SETOR

Em consonância com a tendência mundial de valorização de produtos agrícolas ecologicamente corretos, que não poluem o meio ambiente e nem prejudicam a saúde humana, a produção de café orgânico apresenta-se como uma alternativa para a alavancagem do setor cafeeiro rondoniense, visto que há uma grande demanda nos mercados nacional e internacional por produtos orgânicos e, paulatinamente, aumenta a conscientização mundial da importância da preservação do meio ambiente associada à valorização social do trabalhador rural.

Estudos de Faveret Filho, Ormond e Paula (1999) confirmam esta tendência. Para eles, uma parcela, cada vez maior, dos consumidores está buscando e pagando por produtos de melhor qualidade, livre de resíduos agroquímicos e que não agridam o meio ambiente. Expressando estas informações em termos quantitativos, Theodoro (2006) enfatiza que o segmento de café orgânico vem apresentando um crescimento anual de 18% comparado com os 8% ou 9% para o restante do mercado de café especial.

Para a autora, até há pouco tempo os profissionais de ensino, pesquisa e extensão demonstravam certo preconceito quando o assunto se referia ao termo “café orgânico”. Porém, destaca que atualmente a produção de "café legitimamente orgânico", vem crescendo em todo o Brasil, se firmando como uma tendência necessária, e irreversível.

Segundo informações do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA, 2007) a certificação orgânica é fundamental, porque escrever no rótulo que o produto é orgânico

é um forte fator para a venda desse produto e propicia a obtenção de um melhor preço. O supramencionado Ministério esclarece que isso já é comprovado pelos agricultores familiares de Rondônia. Enquanto o preço da saca do café comum custa R$ 130,00 em média, a do café orgânico produzido por eles fica entre R$ 400,00 e R$ 500,00.

Deste modo, o Brasil tem condições de oferecer quantidades expressivas de cafés de qualidade e com garantias de origem no mercado internacional, atendendo às exigências do consumidor final, haja vista dispor com abundância de um diferencial em termos de vantagens comparativas: terras planas e baratas, forte insolação e chuvas regulares, envolvendo condições edafo-climáticas bastante diversas. (SANTO, 2001).

Outra opção para o aumento de produtividade, geração de renda e emprego e, consequentemente, para o desenvolvimento do setor como um todo, seria a implantação e utilização de técnicas de irrigação. Quando o "déficit" hídrico se agrava, há necessidade de saná-lo mediante processos de irrigação, suprindo às necessidades de água da planta, adequando à umidade do solo e garantindo maior crescimento vegetativo e produtivo do cafeeiro.

Em Rondônia, nota-se que começa haver falta de chuvas na época da floração, o que causa prejuízo ao vingamento da florada e ao início do desenvolvimento dos frutos, provocando drástica redução na produção das lavouras. Assim, para suprir a falta de água no solo nesse período pesquisas na região indicam a necessidade de recorrer à irrigação para garantir produção normal e alavancar níveis mais elevados de produtividade e competitividade do café produzido no Estado.

8. CONCLUSÕES

A importância da cafeicultura para a sustentabilidade e o desenvolvimento sócio-econômico do Estado mostra-se cada vez mais evidente, haja vista a quantidade de pessoas envolvidas e os benefícios e incrementos sociais e econômicos advindos da exploração e manejo da cultura nas microrregiões, principalmente, de Machadinho, Ouro Preto, Ji-Paraná, Cacoal, Rolim de Moura e Ariquemes.

Não obstante os desafios a serem enfrentados pela cafeicultura rondoniense, visando aumentar a sua produtividade e sua competitividade, alternativas como, por exemplo, de utilização de técnicas de irrigação e de produção de café orgânico apresentam-se como oportunidades e estratégias interessantes, principalmente, para melhorar a imagem do Estado no mercado nacional e internacional e para que, em algumas regiões, o café volte a ocupar parte da área de terras nobres, incentivando o enquadramento no mercado solidário, proveniente da agricultura familiar e que preserva os recursos naturais, dentro de uma visão de produção sustentada.

Pode-se destacar que, dificuldades relacionadas à comercialização do café rondoniense reforçam a necessidade de organização dos produtores rurais em associações e cooperativas, de definição de políticas públicas para o setor, realização de um trabalho coordenado entre pesquisa e extensão, capacitação dos produtores ao uso da tecnologia, disponibilização de tecnologias apropriadas e adequadas, assistência técnica e científica, acesso a crédito rural a juros facilitados e demanda por seus produtos, tanto em nível regional como para exportação.

Em última instância, a conjugação e intersecção desses fatores tornam-se relevantes para que a economia cafeeira de Rondônia aumente sua produtividade e competitividade, gerando renda, riqueza e empregos, cumprindo, destarte, com sua importante função para o desenvolvimento sócio-econômico do Estado. Para isso, faz-se necessário ter uma visão holística e sistêmica do *agribusiness*, entendo o café como uma cadeia integrada e inter-relacionada com todos os demais segmentos ou setores do agronegócio.

REFERÊNCIAS

BINSZTOK, Jacob. **O associativismo, a cafeicultura orgânica e o comércio justo na Amazônia:** dilemas e perspectivas. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/9porto/jacob.htm>. Acesso em: 15 mai. 2007.

CAIXETA, Glória Zélia Teixeira. **Como ter uma cafeicultura rentável.** Disponível em: <http://www.coffeebreak.com.br/ocafezal.asp?SE=8&ID=108>. Acesso em: 22 mai. 2007.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (CONAB). **Segundo Levantamento Safra do Café 2007/2008.** abr. 2007. Disponível em: <http://www.conab.gov.br/conabweb/ download/safra/Boletim.pdf. Acesso em: 15 jul. 2007.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). **III Plano Diretor da Embrapa-Rondônia 2004-2007.** set. 2005. Disponível em: <http://www.cpafro. embrapa.br/pdu.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2007.

_____. **Linha de Pesquisa:** Café. Disponível em: <http://www.cpafro.embrapa. br/embrapa/Prioridade/café.htm>. Acesso em: 09 nov. 2006.

_____. **Cultivo do café robusta em Rondônia.** dez. 2005. Disponível em: <http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Cafe/CultivodoCafeRobustaRO/ index.htm>. Acesso em: 16 jan. 2007.

FARINA, Elizabeth M. M. Q. e ZYLBERSZTAJN, Décio. **Competitividade no Agribusiness brasileiro:** sistema agroindustrial do café. Projeto PENSA/FIA/FEA/USP, São Paulo, julho de 1998. Disponível em: <http://fundacaofia.com.br/pensa/pdf/relatorios/ipea/_Vol_IV_Cafe.PDF>. Acesso em: 03 out. 2006.

FAVERET FILHO, Paulo; ORMOND, José Geraldo Pacheco e PAULA, Sérgio Roberto Lima de. **Café:** (re)conquista dos mercados. BNDES Setorial, Rio de Janeiro,

n. 10, p. 3-56, set. 1999. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/conhecimento/bnset/set1001.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2007.

MACENA, Carlos. **Rondônia espera novo ciclo de crescimento do café.** nov. 2006. Disponível em: <http://www.rondoniagora.com/web/ra/noticias.asp?data=23/11/2006&cod= 8335>. Acesso em: 06 fev. 2007.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO (MDA). **Assentamentos de Rondônia produzem orgânicos com certificação internacional.** fev. 2007. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/index.php?ctuid=11558&sccid=134>. Acesso em: 19 abr. 2007.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO CAFÉ (OIC). Conselho Internacional do Café – Octogésima nona sessão. **Impacto da crise do café na pobreza nos países produtores.** 17-19 set. 2003. Disponível em: <http://www.ico.org/documents/icc89-5r1p. pdf>. Acesso em: 25 jan. 2007.

QUEIROZ, Jorge. **Sugestões para CDPE/CAFÉ – Comitê Diretor de Planejamento Estratégico do Agronegócio Café.** nov. 2006. Disponível em: <http://www.cicbr.org.br/data/ reports/050107-1522.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2007.

RIBEIRO, George Duarte. **A organização dos pequenos produtores rurais:** um caminho para o Desenvolvimento Sustentável e passaporte para o sucesso da Agricultura Familiar na Amazônia brasileira. Disponível em: <http://www.cpafro.embrapa.br/embrapa/Artigos/ agricultura_familiar.htm>. Acesso em: 15 mai. 2007.

ROSA NETO, Calixto e COLLARES, Daniela Garcia. A importância da agricultura familiar no contexto do agronegócio café em Rondônia. **In XLIV CONGRESSO DA SOBER** (Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural), Fortaleza, 2006.

SAES, Maria Sylvia Macchione e FARINA, Elizabeth M. M. Q.. **O agribusiness do café no Brasil.** São Paulo: Pensa/Milkbizz, 1999.

SANTO, Benedito Rosa do Espírito. **Os caminhos da agricultura brasileira.** São Paulo: Evoluir, 2001.

SOARES, Martins. **Informações e eventos de difusão sobre o café em Rondônia.** Disponível em: <http://www.coffeebreak.com.br/ocafezal.asp?SE=8&ID=468>. Acesso em: 22 mai. 2007.

TEIXEIRA, Mauri Martins. *et. al.* **Passo a passo para se obter café de qualidade.** Viçosa-MG – CPT – 2004. 168 p.

THEODORO, Vanessa Cristina de Almeida. **Como produzir um café orgânico?** abr. 2006. Disponível em:

<http://www.portaldoagronegocio.com.br/index.php?p=texto&&idt=664>. Acesso em: 19 abr. 2007.

VENEZIANO, Wilson. **Cafeicultura em Rondônia:** situação atual e perspectivas. Porto Velho: Embrapa-CPAF-Rondônia, 1996. 24 p. (Embrapa-CPAF-Rondônia. Documentos, 30).